

Masculinidade na educação física: uma breve discussão

Erik Giuseppe B. Pereira

José Fernandes Filho

Resumo

Ao trabalharmos a “construção” sociocultural do corpo masculino, estamos tentando caracterizar como as pessoas representam o que é atribuído ao ser homem, em um determinado momento histórico e em uma determinada dimensão sociocultural. Sendo assim, este estudo está situado no âmbito das ciências sociais, tentando analisar e refletir o Ser masculino em sua essência. Há fortes indícios de que este tema ainda é pouco explorado pelos alunos e professores de educação física, o que nos leva a pressupor sua importância para propagação no universo acadêmico. Não se trata, no entanto de resolver o problema do corpo, do gênero ou da educação física, trata-se da construção de um referencial teórico pouco abordado nessa área do saber. Levando isso em consideração, nosso estudo pode permitir uma visão antropológica, na tentativa de agregar conceitos filosóficos e científicos como tópicos da cultura do corpo masculino, os quais a educação física carece investigar. Procuramos o máximo de elementos teóricos que fundamentasse uma postura ideológica, política, social e cultural no mundo, que tem forjado os professores que somos. Desta forma, os valores estabelecidos e mantidos pelos agentes socializadores, reforçam a diferença entre os sexos. Isto enseja o fortalecimento e a assimilação de papéis culturalmente sexuados e dificulta a compreensão do possível rompimento da submissão de um sexo pelo outro. Após os expostos, podemos constatar que existe diferença nos aspectos biofísicos e socioculturais entre os sexos advinda de fatores orgânicos, mas pode-se afirmar, também, que essa diferença poderia ser menor se fosse diminuída a influência de preconceitos e estereótipos entre o sexo feminino e o sexo masculino.

Palavras-chave: Gênero; Ciência do Movimento Humano; Cultura.

Abstract

When we work the sociocultural construction of the masculine body, we are trying to characterize how people represent what is attributed to men in a certain historical moment and also in a certain sociocultural dimension. This study belongs to social science, in which we try to analyse and reflect upon the masculine human being in his essence. There are strong evidences that this theme is not so much explored by physical education students and teachers. This fact leads us to presume the importance of the spreading of this theme among the academic environment. This study has as its main purpose the construction of a theoretical reference which is not so much approached in this area instead of solving the problems of the body, gender, or physical education. Considering these aspects, our study allows us an anthropological view, trying to unite phylosophical and scientific concepts as cultural topics of the culture of the masculine body which the physical education lacks of investigating. We looked for a great number of theoretical elements that could base na ideological, political, social and cultural posture in the world which have been forged the teachers we are. This fact contributes to the strengthening and assimilation of sexual roles and makes the comprehension of the possible break of the submission of one sex by the other difficult. Finally, we could conclude that there is a difference in biophysical and sociocultural aspects between sexes originated from organic factors. However, we can also state that this difference could be smaller if the influence of prejudices and stereotypes between men and women decreased.

Keywords: Gender; Human Motion Science; Culture.

1. Introdução

Nos anos 90, verificamos um crescimento da produção científica que trata da construção e vivência da masculinidade, tomando como base a perspectiva de gênero, tanto nos países desenvolvidos como nos países subdesenvolvidos. No Brasil, temáticas relacionadas à questão da mulher, tornaram-se objeto de discussão e análise a partir dos anos 70, sob influência dos movimentos feministas e suas reivindicações sobre os direitos sociais, econômicos e políticos das mulheres (Pereira, 2002 e 2004; Nolasco, 1993 e 1995).

A perspectiva de gênero, adotada a partir dos anos 80, vai conduzir a uma compreensão da condição das mulheres como interrelacionada de diversas formas com a condição do "ser homem",

considerando, que homens e mulheres encontram-se nos diversos universos sociais, estabelecendo relações assimétricas de poder, construídas segundo representações sociais coletivas, vigentes nas sociedades (Scott, 1995; Connell, 1995 e Bourdieu, 1995). Estas relações de gênero assumem diferentes contornos em culturas diversas, havendo um vínculo estreito entre a forma e o conteúdo das ações vivenciadas. Nelas se inserem aspectos relacionados à classe, à raça e à etnia (Saffioti, 1987).

Os estudos que enfocam homens, em geral, apoiam-se na crítica feminista, incorporam-se aos estudos de gênero, detendo-se, normalmente, nas formas e nos significados do ser homem em diferentes contextos sociais, enfatizando a diversidade de modelos de masculinidade (Connell, op. cit.; 1995). A maneira como surgem estas investigações e grupos de trabalho sobre masculinidade difere de um país para outro; elas buscam responder a uma multiplicidade de necessidades que se traduzem repercussões, violência doméstica e sexual, a escassa participação do homem nas questões relacionadas a saúde reprodutiva. A disseminação da AIDS e seus vínculos com a sexualidade têm demonstrado a necessidade de maiores investigações que levam em consideração a perspectiva de gênero na compreensão das vivências e representações da mesma por homens e mulheres, conduzindo também ao aumento do número de estudos sobre homens (Heilborn, 1999 e Mota, 2000).

Historicamente, os homens têm sido pouco enfocados nos estudos de gênero, sendo estes entendidos comumente a partir de suas relações de poder e hierarquia na sociedade, principalmente em relação às mulheres. Os estudos sobre os homens e a masculinidade especialmente aqueles desenvolvidos a partir dos anos 90, têm trazido contribuição para os estudos de gênero ao apresentar a problemática do gênero do ponto de vista dos homens e ao explorar questões similares àquelas desenvolvidas pelos estudos feministas e homossexuais ao longo de quase três décadas, seguindo os mesmos passos teóricos e metodológicos dos estudos das mulheres (Pereira, 2004; Cunha Júnior, 2000).

2. A construção da masculinidade

Os estudos sobre a masculinidade se tornam interessantes na comunidade científica, a partir da organização do movimento feminista, que promoveu críticas às desigualdades sociais baseadas nas diferenças sexuais. Esse momento histórico refletiu a situação da mulher e a construção da feminilidade, e que de certo modo, secundarizou os estudos sobre o masculino. A partir dos anos 80, emerge uma série de inquietações acerca da formação social e cultural da masculinidade, que apresentavam vínculos com as conquistas dos movimentos feministas e homossexual. Atualmente, não podemos analisar os estudos sobre o ser masculino sem nos remetermos aos movimentos feministas, os quais podem ser considerados a alavanca para os estudos sobre problemática da masculinidade (Nolasco, 1995).

O processo de formação da identidade masculina é bastante complexo, dando-se de forma desigual e diferente daquele que ocorre com as mulheres. A identidade masculina se dá principalmente em termos negativos, ser homem é não ser mulher, é rejeitar o que é feminino, o que contribui também para a desvalorização social e cultural da mulher e para a subordinação feminina (Saffioti, 1987).

Assim, construída, a masculinidade socialmente exibida apresenta-se como um mundo aparentemente desprovido de sentimentos, quando muito, subsiste a emoção a flor da pele, reação repentina ao estímulo emocional. Segundo Saffioti (op. cit.) e Belotti (1985), para alguns homens, o poder social que é outorgado à masculinidade é fonte de sofrimento e alienação. Trata-se de homens que suprimem suas emoções, necessidades e possibilidades, tais como o prazer de cuidar dos outros, receptividade, a empatia e a compaixão, que são experimentados como inconsistentes com o poder masculino. A identidade masculina, nascida de uma renúncia ao feminino e não da afirmação do masculino, constrói-se e é vivenciada como algo tênue e frágil, que precisa ser constantemente reafirmado (Nolasco, 1993 e 1995; Mota, 2000 e Almeida, 2000).

A identidade masculina não é linear, sofre modificações com a idade, a classe social, as relações de trabalho, as mudanças de status, a acumulação ou perda de prestígio. Em geral, pode-se dizer que a identidade masculina está sempre a ser construída e confirmada, ao passo que a feminina apresenta uma maior estabilidade, sendo reafirmada "naturalmente" pelas mulheres na gravidez e nos partos (Safiotti, 1987 e 1999).

Para Almeida (2000) e Mota (2000), a masculinidade apresenta-se como um conjunto de significados sempre mutantes, que construímos através de nossas relações com nós mesmos, com os outros e com nosso mundo. Para estes autores (op. cit.), ser homem no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados em suma, em constante processo de construção. Assim como a feminilidade, a masculinidade ocupa um lugar na dimensão simbólica e nas relações sociais e institucionais. A masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional (Connell, 1995).

Existem alguns requisitos que as sociedades atribuem para que um indivíduo do sexo masculino seja considerado um homem. Esses requisitos não se localizam ao nível restrito do corpo, ainda que as interpretações deste sejam fortemente mobilizadas para o discurso do gênero. Eles espalham-se por todos os níveis do social, desde a família ao trabalho, do prestígio ao status, da classe social à idade, passando pela linguagem verbal e gestual. O status masculino é preferencialmente definido pelo seu sucesso profissional, as diferenças de status (dinheiro, prestígio e poder) são entendidas como fatores de divisão dos homens, enquanto que a amizade é vista como um laço que resiste a todas as divisões (Connell, op. cit.).

A masculinidade não apresenta-se de modo uniforme, destacando-se a existência de padrões hegemônicos e outros subordinados a estes. Tais formas baseiam-se no poder social dos homens, sendo assumidas de modo complexo por homens individuais. A hegemonia é uma forma de dominação em que o dominado participa da dominação. No campo de gênero, trata-se da capacidade de impor uma definição

específica sobre outros tipos de masculinidade, o que significa que o modelo exaltado corresponde, na realidade, aquele que pode ser atribuído a muito poucos homens (Connell, 1995).

Trata-se de uma construção social da masculinidade que desvaloriza o feminino e reforça valores associados a masculinidade dominante, como por exemplo: distanciamento emocional, agressividade e comportamentos de risco. A definição hegemônica da virilidade é a imagem da masculinidade de homens que controlam o poder (Nolasco, 2001).

O conceito de masculinidade hegemônica permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida como uma estrutura de relações sociais em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos incorporados. É fundamental apreender como são construídos em contextos culturais diversos os modelos dominantes, e que tipo de relação homens de diferentes estratos sociais vão estabelecer com este modelo. Há por tanto, tantas masculinidades quanto hajam diferentes contextos de vida.

Revisando esses estudos, verificamos que eles estão inteiramente atrelados à área das ciências sociais e humanas. Na literatura internacional, merecem destaques os estudos de Scott (1995), Bourdieu (1995) e Connell (1995). No meio nacional, destacamos Louro (1995 e 1999) e Nolasco (1993, 1995, 1998 e 2001), Almeida (1996) e Goldenberg (1995).

Na esfera nacional, podemos constatar que no Brasil, um país cuja a televisão impõe o ritmo e conteúdo de nossas preocupações, o ser masculino passa a ter significado relevante em temas relacionados às relações e às representações de gênero.

Numa sociedade patriarcal como a nossa, o gênero masculino aponta para um homem diferente racional e emocionalmente diferente. O homem detém o poder sociopolítico e econômico nesta sociedade. Ele não deve sentir prazer e nem emoção. O ser masculino ainda é percebido sem sentimentos, pois se em algum momento isto vier a ocorrer ele estará fugindo do modelo que lhe foi concebido

socialmente. Quem nos apresenta uma idéia mais clara é Vieira (1986, p.26)

Filhos que somos de uma sociedade patriarcal dirigida para o poder, o dinheiro e o lucro, tivemos, homens e mulheres, que amputar do nosso ser aspectos fundamentais para servi-la. A consciência deste fato é a arma fundamental de transformação deste status-quo. A proposta é que olhemos para estas rígidas estruturas como sujeitos soberanos capazes de pensá-las e criticá-las.

Na sociedade sexista como a nossa, o que é masculino tem mais valor do que é feminino. Nesse caso, estabelece-se uma relação desigual de poder e de prestígio. Autores como Bourdieu (1995) e Belotti (1985) exprimem a dominação masculina como difícil de ser superada devido a representação social dos órgãos sexuais. Para Bourdieu, essa representação sexual dificultaria as mulheres de se legitimarem na sociedade em geral, a não ser através de uma modificação de sua natureza utilizando-se de elementos do *ethos*¹ masculino. Nesse entendimento, o autor expõe que

O corpo masculino e o corpo feminino, e muito especialmente os órgãos sexuais que, por condensarem a diferença entre os sexos, estão predispostos a simbolizá-la, são percebidos e construídos segundo os esquemas práticos do *habitus*, constituindo-se assim em suportes simbólicos privilegiados daquelas significações e valores que estão de acordo com os princípios da visão falocêntrica do mundo (p.149).

Na verdade relações não expressam o que se espera social e culturalmente do ser feminino. A aquisição de um *status* masculino, através de certos elementos considerados da natureza masculina (não menstruar, não engravidar etc.) representaria uma transformação na hierarquia das relações entre homens e mulheres, possibilitando às mulheres em ascensão ao espaço público e sucessivamente uma igualdade de gênero. Portanto, seria necessário

¹ Tipo de organização social como a escola, a igreja, a família e outras. Para melhores esclarecimentos ver as definições de termos.

uma reorientação na ordem simbólica da concepção e sucessivamente da identidade feminina, isto é, do seu habitus² (Bourdieu, 1995).

O ser masculino não está acostumado a lidar com os sentimentos. Escamoteia e parte para uma agressão sustentada pelo contexto cultural, social e histórico. O homem sufoca o afeto e promove a ruptura entre amor e sexo. Partindo deste pressuposto, encontramos guardida em Nolasco (1998, p.155) no seu artigo *Representações masculinas e femininas na televisão*, no momento em que o professor exprime a seguinte idéia

Os personagens masculinos são truculentos, conflituados, superficiais ou ainda infantis.[...]. Tanto na programação infantil quanto na adulta, a situação é a mesma. Homens sensuais, bonitos ou sem camisa apontam para um tempo do homem-objeto.

A idéia de que o homem não é portador de sentimentos e emoções, mas de que possui apenas a capacidade de pensar, de raciocinar e de questionar, nos revela o modelo de masculinidade instituído pelo imaginário social e para a qual a educação é, ainda, uma arma importante de luta para o equilíbrio e igualdades de oportunidades sociais.

3. A expressão da masculinidade na educação física

Dentre as questões relacionadas à sexualidade, as relações de construção cultural do corpo ocupam um lugar central. Há um vínculo básico entre o gênero de uma pessoa e suas características biológicas, que a definem como do sexo feminino ou do sexo masculino. Perceber-se e ser percebido como homem ou mulher, pertencendo ao grupo dos homens ou das mulheres, dos meninos ou das meninas, se dá nas interações estabelecidas principalmente nos primeiros anos de vida e durante a adolescência. A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva,

2 De modo mais abrangente, habitus faz referência a uma identidade sociocultural, um sistema de referências culturais produzido e reproduzido pela trajetória de um determinado grupo.

relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.

Nesse sentido, é entendida como algo inerente que está presente desde o momento do nascimento, manifestando-se de formas distintas segundo as fases da vida. Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história, já que cada sociedade cria regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual dos indivíduos. A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo (Camargo e Ribeiro, 2003).

As práticas da cultura corporal de movimento se caracterizam, entre outros aspectos, por serem espaços de produção simbólica, de linguagem por meio da qual homens e mulheres se relacionam e se comunicam com o outro e com a sua própria cultura. Jogar, lutar, dançar e brincar podem representar, portanto, a possibilidade de expressar afetos e sentimentos, de explicitar desejos, de seduzir, de exibir-se. Essa comunicação ocorre dentro de certos padrões estabelecidos pela própria cultura corporal de movimento, o que envolve valores, normas, atitudes, conceitos e, inevitavelmente, preconceitos.

Para a criança, as práticas da cultura corporal de movimento podem constituir-se num instrumento interessante de comunicação e construção de auto-imagem, mas podem também, se certos cuidados não forem tomados, constituir-se num contexto ameaçador e desfavorável para essa mesma auto-imagem. O universo sócio-cultural, permeado de valores preestabelecidos de beleza, de estética corporal e gestual, eficiência e desempenho, se não for objeto de uma postura crítica e reflexiva, pode estabelecer padrões cruéis para a maioria da população, abrindo espaço para a tirania dos modelos de corpo e de comportamento.

Na esteira de Linton (1970), Louro (1997) e Saffioti (1987), há uma considerável variação nos papéis representados por homens e mulheres em diferentes sociedades. Isso nos indica para a possibilidade de que não há diferenças inerentes a que, a

masculinidade e a feminilidade, os papéis masculinos e os papéis femininos, dependem tão somente do que deles faz a cultura. As diferenças existentes nas atitudes, nos comportamentos e nos interesses parecem, em muitos casos, prontamente explicáveis pela referência a fatos culturais - as maneiras pelas quais as crianças são educadas e as expectativas ligadas aos homens e às mulheres. As meninas ganham bonecas de presente, são incentivadas a brincar de "mamãezinhas" e a se comportarem como "senhorinhas". São recompensadas quando se conduzem de "maneira feminina" é provável que sejam repreendidas quando imitam os companheiros masculinos.

Esse ponto de vista nos leva a refletir e a partir daí, podemos constatar que os meninos, por outro lado, são presenteados com revólveres de brinquedo ou brinquedos mecânicos e espera-se que sejam agressivos; é mais provável que possam sujar-se em sofrer repressões como correr, saltar, trepar, chutar e comporta-se, de várias maneiras, como "verdadeiro menino". Quando não conseguem satisfazer a essas expectativas ganham o desagradável epíteto de "mariquinhas" ou "boiola"¹² e sofrem outras pressões a fim de se adaptarem ao comportamento masculino esperado e apropriado. Não é muito para admirar, portanto, que as meninas se comportem, geralmente, como senhoras e que os meninos geralmente se comportem como senhores.

Entretanto, malgrado evidência de que as diferenças de sexo são, aparentemente, produtos antes culturais que biológicos, existem ainda suficientes diferenças recorrentes e difundidas entre os homens e as mulheres para refutar um determinismo cultural total.

Quanto aos conceitos antropológicos de cultura é preciso colocar em pauta as questões da cultura erudita, da cultura popular; da diversidade cultural, do relativismo, do etnocentrismo, do gênero e da etnia. O objetivo dessas discussões no Ensino Médio é o de problematizar para o aluno, o etnocentrismo que permeia nosso imaginário cultural em função do processo histórico de conquista, colonização e subdesenvolvimento que vivemos.

¹² Grifos nossos.

É preciso discutir os discursos que foram incorporados pelas elites dominantes locais desde o nosso descobrimento de uma perspectiva histórica para compreendermos suas raízes no pensamento político e social europeu. Esse pensamento, desde os viajantes até os antropólogos renomados estiveram permeados de uma visão etnocêntrica, eurocêntrica, que desdobrou-se em preconceito e discriminação, presentes até hoje em nossa realidade social.

4. As primeiras impressões

Este estudo, na esteira da Ciência da Movimento Humano, face ao que foi exposto na introdução e no suporte nos estudos apontados pela literatura nacional e internacional, evidenciam a persistência determinante de normas, crenças, tabus, estereótipos e valores socioculturais que interferem na construção do corpo masculino.

Observamos que a sociedade estabelece normas, padrões de comportamento e de atitudes próprias para cada sexo. Desta forma, os valores estabelecidos e mantidos pelos agentes socializadores, reforçam a diferença entre os sexos. Isso enseja o fortalecimento e a assimilação de papéis culturalmente sexuados e dificulta a compreensão do possível rompimento da submissão de um sexo pelo outro.

Essa concepção, superficialmente abordada pelos professores de educação física, sugere que venhamos a refletir o tema gênero em sua totalidade, pois estar atento a isso é uma forma de ajudar os alunos na construção da masculinidade com o equilíbrio dentro e fora da escola. Partindo desta ótica, entendemos que a formação do corpo masculino nas aulas de Educação Física é, ainda, segundo Rosemberg (1995) a continuidade do modelo de re(produção) das construções das relações de gênero tradicionais, oriundos da cultura patriarcal, sexista e machista (Pereira, 2002 e 2004, Bourdieu, 1995 e Scott, 1995).

Percebemos, ainda, que o mundo contemporâneo não comporta mais esse elemento masculino. Ele foi destronado porque a mulher se profissionalizou, conquistou espaços sociais, políticos e esportivos e foi durante muito tempo objeto de discussões. O homem tradicional

não pode mais subsistir de modo pleno e integral; esse homem emergente de corpo amaciado, que usa camisa cor de rosa, leva o filho para a escola e participa de sua educação e, além disso, tem uma sexualidade diferente também. Muitas vezes as pessoas duvidam de sua masculinidade. Esse é o novo homem que está sob suspeita e admiração, mas necessita ser analisado e discutido com o devido aprofundamento.

Assim considerando, após os expostos, podemos afirmar que existe diferença nos aspectos biofísicos, psicoemocionais e sócio-históricos entre os sexos advinda de fatores orgânicos, mas pode-se afirmar também que essa diferença, na realidade, poderia ser bem menor do que se apresenta, se fosse diminuída a influência de preconceitos estereótipos entre o sexo feminino e o sexo masculino nesse campo de estudo. Para que isso ocorra, é imprescindível haver informação e transformação na sociedade, para que a educação no lar, na escola e nas instituições em geral possa ser verdadeiramente igualitária, democrática e, sobretudo, livre.

5. Referencias

- Almeida, Maria Isabel (1969). *Masculino e feminino: tensão insolúvel, sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Almeida, Marlise (2000). *Dimensões da masculinidade no Brasil*. Cadernos do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero- NUTEG. Niterói/RJ: EDUFF, v. 1, pp. 29-38.
- Belotti, Elena (1985). *Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Bourdieu, Pierre (1995/jul-dez). *A dominação masculina*. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n.º 2, pp. 133-184.
- Camargo, Ana Maria e Ribeiro, Cláudia (2003). *Sexualidade (s) e Infância (s): a sexualidade como um tema transversal*. Campinas/SP: Ed. Moderna.
- Connell, Robert (1995/jul-dez). *Políticas da masculinidade*. In: Educação e realidade. Porto Alegre, vol. 20, n.º 2, pp. 184-206.

- Cunha Júnior, Carlos Fernando (2000). *Gênero e história: apontamentos de uma pesquisa sobre a masculinidade e Educação Física*. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e dança. Gramado, pp. 396-400.
- Goldenberg, Mirian (1995). A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. In: Nolasco, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 131-147.
- Heilborn, Maria Luiza (1999). *Construção de si, gênero e sexualidade*. In: Heilborn (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 40-58.
- Linton, Ralph (1970). *O Homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo: Martins Editora.
- Louro, Guacira (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes.
- Mota, Murilo Peixoto (2000). *Gênero, sexualidade e masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa no contexto de uma experiência*. Cadernos do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero- NUTEG. Niterói/RJ: EDUFF, v. 1, pp.39-49.
- Nolasco, Sócrates (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____ (1995). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____ (1998). *Na televisão, representações masculinas e femininas na televisão*. In: Jacobina e Kühner (Orgs.), *Feminino/masculino no imaginário de diferentes épocas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 147-157.
- _____ (2001). *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pereira, E. G. B. (2002). *A construção sociocultural do corpo masculino nos discursos de graduandos em educação física*. Rio de Janeiro, 97 f. (Dissertação: Mestrado em Ciência da Motricidade Humana, Universidade Castelo Branco).

- Pereira, E.G. e Romero, E. (2004^a). "... para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança". Revista da Faced. Faculdade de Educação da UFBA, n. 8-Salvador, pp. 139-155.
- Saffioti, H. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Ed. Moderna.
- Scott, J. (1995/ jul.-dez.). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, vol. 20, n.º 2, pp.71-99.
- Vieira, Y. M. (1986). *Identidade do homem na sociedade patriarcal*. In: Vieira, Yvone Mattos et al. *Macho, masculino, homem*. Porto Alegre: L&pm editores, pp. 26-33.

Sobre os autores

Erik Giuseppe B. Pereira - Doutorando em Ciência do Movimento Humano - UAA, Asunción, Paraguay.

José Fernandes Filho - Escola de Educação Física e Desporto - UFRJ - Brasil.